Casa do capitulo da Ordem de Christo, em Thomar — Desenho de Nogueira da Silva

«Não ha em toda a monarchia portugueza monumento mais nacional e venerando, nem mais proprio para excitar honradas e gloriosas recordações, que o convento da Ordem de Christo em Thomar.»

J. DA C. NEVES E CARVALHO — *Panorama*

«Le convent de Thomar est, après Batalha, le reste le plus important de l'antique grandeur du Portugal.»

RACKYNSKI — *Les arts en Portugal*

Coevo da independencia de Portugal e das nossas grandes edificações do seculo XII, erigido por um dos valentes capitães de D. Affonso Henriques, o mestre do Templo D. Gualdim Paes, em 1160, resume este monumento a serie dos estilos architectonicos que se tem succedido desde aquelle seculo até ao passado, isto é, desde D. Affonso I até D. João V, que foi o ultimo soberano que alli fez obra.

E, todavia, nunca se completou a d'aquelle grandioso baluarte da Ordem de Christo, baluarte que resistiu ás hostes de Miramolim, imperador de Marrocos, para agora o vermos ir-se esboroando pela diuturnidade do tempo, e pelo desleixo dos que tem a seu cargo a inspecção e manutenção dos monumentos nacionaes!

Todos os reis de Portugal, como grão-mestres da Ordem, contribuiram para aquella portentosa edificação; mas desde o tempo del-rei D. João I, em que a architectura mais se aperfeiçoou entre nós, fizeram-se alli obras notaveis, onde se admiram construcções de estilo anterior ao gothico, muitas do manuelino, e não poucas do que floreceu no tempo dos Filippes, a quem se deve a do famoso claustro chamado da Procissão do Corpo de Deus, em retribuição do muito que os freires da Ordem o ajudaram a nos captivar.

A mais bella e brilhante amostra do estilo de D. Manoel, em Thomar, é a janella da casa do capitulo, que fica debaixo do coro da egreja, em frente ao claustro de Santa Barbara. Esta elegante janella brevemente a daremos em gravura.

N'esta casa capitular se reuniram, a 16 de abril de 1581, as cortes, ditas de Thomar, para jurarem a D. Filippe II de Hespanha, rei de Portugal, depois da derrota do prior do Crato em Alcantara.

Ahi jurou e prometteu o perfido monarcha 19 capitulos, contendo os foros e regalias que devia conservar á nação portugueza, os quaes em pouco tempo infringiu escandalosamente, apesar de ter affir-

mado com a mão sobre o Santo Evangelho — que se algum dos seus successores os quebrantassem, seriam malditos da maldição de Deus, da Virgem e dos apostolos da corte celestial.

Este rei hypocrita e feroz, infamado na historia pela sua cubiça e tyrannias, com o epitheto de «diabo do meio-dia», foi o primeiro que nos cavou o abysmo em que o reino se definhou durante os sessenta annos da dominação castelhana.

Do que se passou na assembléa d'estas cortes, celebradas na casa do capitulo de Thomar, temos uma narrativa minuciosa, de pessoa que esteve presente, a qual extractaremos para dar na secção das «antiguidades nacionaes», n'algum dos proximos numeros.

A nossa estampa é copia da casa do capitulo, mandada edificar por el-rei D. Manoel, mas que nunca se concluiu.

Vendo aquelle magnanimo rei, que a antiga casa era pequena para as numerosas reuniões dos capitulos geraes, que n'aquelle baliado se costumavam celebrar, ordenou se fizesse outra mais espaçosa.

O que d'ella está feito, e se conserva ha mais de tres seculos exposto aos estragos do tempo, dá perfeita idéa do que seria este monumento, riscado pelo fundador do mosteiro de Belem.

No topo se vê ainda, distinctamente, o grande nicho ou pavilhão de cantaria lavrada, onde se devia collocar a cadeira do grão-mestre da Ordem, ou throno do soberano, que era o mesmo, porque o rei era sempre o grão-mestre, desde D. Diniz, que depois da extincção da Ordem dos Templarios, creou a de Christo em 1319.

---

## AS MAIORES ARVORES DO MUNDO

O castanheiro dos cem cavallos
O platano de Godfredo de Bulhão — O cedro de Washington
Os cedros do Libano
As gommiferas dos pantanos de Van-Diemen
A figueira de Tonga-Tabau — As algas de Anna-Maria
O carvalho de Penafiel

(Vid. pag. 36)

Estes cedros tem o nome de cedros de *Washington*, nome que os inglezes substituiram pelo de Wellington. Ha, em França, vinte e quatro pés da especie plantados ha quatro annos, os quaes M. Bronguiart, para se não envolver na pendencia entre a America e a Grã-Bretanha, designa, segundo Endlicher, com o nome de *Sequoïa gigantea;* porém teremos tempo para morrer muitas vezes antes que elles cheguem á sua natural grandeza, porque se estudaram ultimamente os cedros da California, e descobriu-se que o numero de camadas concentricas do tronco de um dos maiores, era de seis mil, do que se deprehende não poder ter menos de cinco a seis mil annos de existencia!

No meio d'estes gigantes, jaz em terra um, que abateu resequido. Tudo morre n'este mundo! A magestosa arvore, estendida no meio dos filhos, ferida de morte, dá ainda prova da sua grandeza. Tem menos um terço do que quando era viva, mede 450 pés de comprimento. É mais alta do que o zimborio dos Invalidos de Paris, que posto seja o mais elevado de todos os monumentos d'aquella cidade, todavia o zimborio dos Invalidos não excede a 105 metros ou 315 pés. O cedro formava o remate da floresta, cujo centro occupava, e dominava-a como patriarcha. Chamam-lhe ainda o *pae da floresta (the father of the forest),* e respeital-o-hão, sem duvida, até na morte. Com a quéda partiu-se na altura de 300 pés, e n'essa parte apresenta 18 pés de diametro. A figura III é um esboço d'esta arvore em miniatura, sem o auxilio de desenho traçado á vista d'ella. Muitos de seus filhos, sãos e vigorosos, promettem alcançar eguaes proporções. A medição que se tem já feito em algumas, dá-lhe 120 metros de alto e 5 metros de circunferencia.

Os jornaes da America muitas vezes tinham fallado d'estes cedros gigantes, e nós tomavamos as suas noticias por fabulas; porém M. de Tracy publicou ultimamente uma carta do capitão de mar e guerra Lapelin, contendo todos os pormenores; e um viajante que foi expressamente averiguar a verdade, ao condado de Calaveros, acaba de remetter as peças justificativas d'essa viagem, á sociedade central de agricultura. Examinando-as na imaginação, vemos realidades e não chimeras.

Que são os velhos cedros do Libano ao pé d'estas arvores monstruosas? O seu direito á celebridade não está duvidoso. Quem luctará com elles pela magestade das recordações? O seu talhe e fórma, comtudo, não são muito para referir. São ramos horisontaes, como aquelles de que falla Jussieu. Os habitantes do Libano explicam tal fórma, que não passa por natural n'esta especie de arvores, dizendo que a neve é que os tem assim arrasado. Parece mais racionavel suppor que similhante fórma seja propria da natureza dos que restam n'estas montanhas, e que eram em 1550, segundo Bellon, 28; em 1556, segundo Fashtner, 25; em 1775, segundo Schutz, 20; e em 1833, segundo Lamartine, 7, não comprehendendo uma pequena floresta de cedros mais pequenos, que podia conter 400 a 500.

Estes cedros são insignificantes restos das immensas florestas que afamavam o Libano no tempo de Salomão e de Hiram, e é mais difficil julgar-se por aquelles velhos decrepitos, o que seriam seus antepassados, do que pela sphinges de Memphis o que foi esta cidade no tempo da sua gloria.

O cedro mais formoso da especie do Libano, que existe na Europa, é o de Beaulieu, perto de Genebra, em Saccounex. Plantado em 1735, chegava já em 1843, á altura de 30 metros. Medido em 1849, deu $4^{m},20$ de circunferencia, e cobria com os ramos uma extensão de 19 metros $^{1}/_{4}$ de diametro. Crescia e engrossava sempre!

### IV

Continuemos, leitor, o nosso veloz passeio. Voltámos ao ponto da partida. Saltemos de um pulo na ilha de Van-Diemen. Como ella occupa, pouco mais ou menos, os nossos antipodas, sem nos darmos ao trabalho de seguir a redondeza da terra, tomemos a linha direita, e prosigamos desembaraçados através do globo.

Estamos na terra de Van-Diemen. Pisemos as novas margens até encontrarmos a Jasmania. Ao pé d'este monte (ao qual deram em honra de Wellington, que nunca o viu, o seu nome), e nas ferteis margens do riacho que lhe banha na raiz, ha uma grande lameda. Aproximemo-nos. Soberbas arvores! Os indigenas lhes chamam as arvores gommiferas dos pantanos. Assimilham-se muito ás que a botanica dá o nome, na Australia, de *Eucolyptus.* São quasi tamanhas como os cedros da California, cuja imagem não se nos oblitera da memoria. Entre estes gigantes alguns aproximam-se de 100 metros de altura.

Um viajante inglez deu, d'estas arvores, á Europa, as primeiras noticias em 1850. No meio da multidão achou uma que tinha abatido, e que pôde medir exactamente. Dava um comprimento de 90 metros. Das raizes ao primeiro ramo formava um tronco direito de 67 metros de alto, cujo diametro era de $9^{m},2$ na base, e de $3^{m},7$ á nascença da enorme ramada que lhe adorna o cume.

Esta arvore tinha então 11 metros d'alto mais do que o remate do Pantheon, 22 metros mais do que as torres da cathedral *(Notre-Dame)* de Paris, e do que o zimborio dos Invalidos menos 15 metros. Vimos o pae dos cedros avantajar-se muito ao zimborio; mas esta arvore gommifera não nos parece menos admiravel.

Uma de suas irmãs tinha, a um metro do solo, 31 metros de circumferencia, e só vinte homens a poderiam abraçar. A figura IV nos dá uma idéa d'ella.

O mesmo viajante verificou que a arvore que tinha abatido, pesava 446.886 kilogrammas.

Aqui temos, leitor, mais uma especie phenomenal que parece restar-nos dos tempos geologicos em que a natureza produzia reptis de 60 pés de comprimento, e os mastodontes [1], á vista dos quaes os elephantes actuaes pareceriam seus filhos pequenos; que se comprazia em povoar a terra e o mar, de especies gigantes, tanto do reino vegetal como do reino animal, visto que, n'aquellas epochas, até os fetos eram arvores de 80 pés de altura!

Não nos esqueçamos, porém, antes de deixar as ilhas do Oceano do Sul, de fazer escala por Tonga-Tabou, e pelas ilhas Marquezas, para ainda vermos duas maravilhas de que não temos estampa.

A primeira é a figueira de 33 metros de circumferencia, e 40 de altura. Tem, pelo menos, a grossura dos maiores cedros da California, porém de altura infinitamente menor. Em 1840 um dos ramos d'esta figueira, que estava imminente ao rio, partiu-se e caiu na agua, onde permaneceu por mais de seis mezes. Tinha, á sua parte, 6 metros de circuito e 2 metros de diametro. Era um formoso ramo de que se poderia fazer, excavando-o, um tubo, ao longo do qual um homem de grande estatura passearia em pé; a arvore, cujo tronco supporta este e outros ramos quasi da mesma grandeza, não é menos formosa. Á sombra d'esta figueira, o chefe do paiz, Touï-Touga, recebe a coroação, ceremonia acompanhada de tão estranhas e solemnes particularidades, que não valem a pena de chamar n'este momento a nossa attenção.

A segunda maravilha é a famosa séba, ou alga, planta marinha que o almirante Dumont d'Urville admirou em 1828, descendo a uma das ilhas Marquezas. Esta alga monstro, que deve ser antediluviana, eleva-se e estende-se na bahia de Anna-Maria; apresenta, a dois metros das raizes, 25 metros de circumferencia. Mas, na opinião geral, não é um só individuo; é juncção de vinte individuos, irmãos menores, posto que mui grossos, que se entrelaçaram, e apresentam o aspecto de um enorme feixe. A 13 metros do solo divide-se em ramos, alguns dos quaes vão rastejando mui longe. A sua folhagem tem ao todo 300 pés de diametro, o que lhe dá uma projecção no solo de 300 metros, projecção que é quasi o triplo da do platano de Godfredo, que nós achámos prodigiosissima.

Viajámos, leitor, sem nos levantarmos da nossa poltrona, de Lisboa ao Etna, do Etna ao Bosphoro de Constantinopla, de Constantinopla á California, da California ao Libano, do Libano ás ilhas do mar do Sul, e aqui ficâmos até á outra vez.

Esperando segunda viagem para visitar os outros gigantes do reino vegetal, gravemos na memoria a recordação dos seis grandes velhos que já admirámos: O castanheiro da Sicilia, o platano do Bosphoro, o cedro de Calaveros, a arvore gommifera de Van-Diémen, a figueira de Tonga-Tabou, e a alga de Anna-Maria; porque desde já vos advirto, se encontrarmos ainda maravilhas não menos admiraveis, não acharemos de certo a figura esbelta do cedro, nem a espantosa grossura do castanheiro.

[1] Mammiferos fosseis, que se parecem com os elephantes.

Qual d'estes monstros é mais digno de interesse? O cedro, em nosso entender, visto que é uma especie, e não sómente uma das producções grandiosas em que prima de vez em quando a natureza. A floresta da California é verdadeiramente um resto das antiguidades geologicas, escapado á lei das revoluções que destruiram a raça dos gigantes de todos os tres reinos.

(Continúa)

## ANTIGUIDADES NACIONAES

### RECEITA E DESPEZA DE PORTUGAL EM 1618

(Correspondencia secreta do anno 1628)

(Vid pag. 32)

Este papel provei com maximas menores. O almoxarifado pelo cabeção e pelos contratos, a India pelo orçamento referido. O resto d'esta rendição se consome em armadas, apresto de naus, e em mal parados.

Agora folgarei de saber de v. ex.ª se diz este calculo com o que se fez a S. M., que está em poder de v. ex.ª, e me disse que restavam 5 milhões e 40 mil cruzados.

E me parece, meu amo, que se estas coisas andarem bem joeiradas, e não houver gorgulho que dê no celleiro, se poderá Portugal governar sem os principes que o governam quererem antes ser senhores mal recebidos, que paes de seus vassallos, como os obriga a lei natural. Porém, esta regra tem sua limitação. Não parece que Portugal póde por si, sem particular soccorro do ceo, resistir ao impeto do Norte, e ás forças de Hollanda e Zelandia. Perdôe-me o sacro collegio senatorio; escute v. ex.ª um mileno que vive nas ribeiras do seu Danubio, e chegando de ver v. ex.ª, se foi pela alta costa a capar os seus meloeiros, e a cada passo dizia: vós o pagareis, eu vos caparei.

E tornando ao fio d'esta teia, primeiramente vejamos: com que gente peleja hoje o estado da India. Segundo ponto: que poder tem esses hollandezes, e quanto tempo ha que dura esta rebellião de vassallos que sacudiram o jugo de sua vassallagem? Que se fez pelo mar? Que se tem consumido n'isso? Que tem importado? Quem isto me der irregular, saberá que a guerra que hoje se faz ao estado da India, não lh'a fazem naires nem poléas, nem jáos nem chins, nem rumes; fazem-lh'a os verdadeiros godos e scythas; fazem-lh'a os gigantes que cria o Norte, gente que se abraza viva por se não ver rendida, quando não podem vencer seus inimigos; faz-lh'a mui gentil industria de fogo, munições mui refinadas, artilheiros que sabem peso e conta, e que seu ponto não falha; fazem-lh'a naus mui bem petrechadas e artilhadas, e soldados pagos, que tem por officio serem soldados, como um sapateiro fazer sapatos. Esta a qualidade da gente com que se ha de brincar.

E em que estriba o poder d'esta gente? E como podem tão distinctamente perturbar, arrazar, destruir o estado da India? Duzentas e vinte e sete cidades ha nos estados de Flandres, e 6:500 villas ou villagios. A obediencia de S. M. estão 90 cidades e 4 mil villagios. Estão rebeldes 137 cidades e 2500 villagios, e com S. M. ter por si e á sua obediencia tantas cidades e villas, vae em 70 annos que se rebellaram pelas mortes dos condes de Ornos e de Agomar, ou porque se não quizeram deixar governar de principes remotos, e que haviam de viver ausentes de seus vassallos. Essas tem feito e fazem a

Hespanha tão espantosa guerra, como fez Annibal ao imperio romano, e Scipião a Carthago; e se sommarmos os milhões de ouro que as guerras de Flandres tem consumido, sem d'isso resultar utilidade alguma, perde-se a arismetica, de modo que havendo de desaguar o impeto d'esta corrente sobre Portugal, elle por si não póde assistir aos soccorros que de presente se mandarem.

Esfolando as ovelhas e os carneiros, e pondo-os no talho, importará o que importou o perdão que se deu á gente de nação, os judeus, que foi milhão e meio. A venda das fortalezas são sonhos e patranhas; porque, se forem 20 galeões de Portugal, irão 40 de Hollanda, e se levarem 5 mil mariolas, e outros 5 mil bargantes tirados do limoeiro, ladrões, mal costumados, sem honra nem vergonha, mais dispostos para fugir que para soffrer medos e sombras da morte, levarão os flamengos soldados criados e adestrados em continua eschola, onde ha 80 annos que dura por officio toda a disciplina militar, e qualquer grumete é lente de prima na arte nautica. Resultará esfolar o reino, enfraquecel-o, crearem os vasallos um odio mortal aos principes que os governam.

Se me respondeis, o estado da India é vosso, é coroa separada, tendes á vossa conta sustentardel-o, replicarei. Este aggravo, esta guerra, caiu sobre Portugal em razão do rei, não em razão do reino, que teve sempre paz com esta gente, e tinha os seus commercios pacificos, com que estivera opulento, prospero, e com dinheiro, que é o nervo da guerra, para se defender e acrescentar suas conquistas. Assim que, além do soccorro ter os perigos do mar e dos naufragios, e de ser composto de gente bisonha, não é capaz Portugal de um e de outro soccorro, assim em razão de gente como de cabedal, de navios e continuos aprestos, de sorte que d'este soccorro não póde resultar utilidade segura, antes mui arriscada, assim em razão de enfraquecer o reino, como de molestar os vassallos; de maneira que se póde recear um motim ou rebellião, e os reis não tem mais de seu que o credito de sua auctoridade, e se os vassallos lhe perderem a vergonha, ficam como os outros homens. Esta guerra é propria do corpo de todo o imperio de Hespanha. Com seis milhões de renda que tinham os erarios romanos, se fez absoluta senhora de Africa, Asia, Europa, aquella republica, que tyrannisada dos seus Cesares, veiu depois a perder-se.

S. M. tem 22 ou 23 milhões de renda, e a mais d'esta renda lhe vem pelo Oceano. Se quer defender seus commercios, e amparar seus vassallos, não ha de ser defendendo-se na India, senão offendendo dentro em casa a seus inimigos, e bater-lhes ás portas de maneira que lhes quebre as azas no ninho, e lhes não dê folego para voarem tão longe: Isto entendem os meninos do gado. Tenha o mar guarnecido com 60 galeões do estado, 60 navios menores, e assombre o Norte. E advirta v. ex.ª, que a armada que foi a Inglaterra não a destruiram, destruiu-a o mar e a pouca disciplina; todavia assombrou o Norte, e os inglezes não ousaram arcar com ella, e fizeram as sortes ao toiro muito de longe. Cuidar que esfolando Portugal, e soccorrendo o estado da India com o pouco que o reino póde, é o remedio d'esta fistula, os homens que o aconselham, parece-me que se enganam. Menos toiros, menos galas, menos apparatos e dispendios desnecessarios; encorporar todo o seu poder, mais armadas e mais armadas, e seus effeitos sejam nos mares de Hollanda e Zelandia, e no seu canal; e os dispendios dos arraiaes, assim como se emprega em terra, empregue-se no mar; tirarão a estes inimigos o folego, e o refugio maritimo de que se sustentam, desavergonhando-se para formarem contra as Indias Occidentaes e Orientaes, e devassando o commercio real e o particular dos vassallos de S. M. Se o padre Mendo da Motta me quer mal, porque escrevo estas ociosidades ao pé do meu pinheiro, importa-me isso pouco: contento-me que v. ex. m'as perdôe e escute, e para que não fique de todo enojado, lhe mando esse cesto de flores do meu buraco, onde me furtei aos ventos, e salvo-me nas regras de Horacio que diz: «Que fôra dos amantes pobres se não houvera flores?» Que será de mim que só flores posso offerecer, que as queima qualquer frio, e as offende e aggrava qualquer calma. — Nosso Senhor a Illustrissima pessoa de v. ex.ª guarde como póde, etc. — D'este monte a 9 de Julho de 1628. — *F.*

---

## PESCA DE PEIXES ELECTRICOS

Ha certos peixes que estão munidos de singular armadura. Não possuindo sequer a couraça de escamas para sua defesa, tem, na cabeça, nos flancos, ou na cauda, orgãos cujo contacto excita no animal que os ataca, ou do qual façam presa, uma commoção nervosa, espasmodica, invencivel, capaz de o entorpecer e até de o matar, se não é vigoroso.

Tem-se fallado da attracção causada pelo olhar de certos animaes sobre outros. Podem existir esses factos, e originar-se da especie de electricidade desenvolvida por meio dos raios luminosos. As commoções determinadas por interposição do tacto são tambem admiraveis, e devem egualmente attribuir-se á força invisivel de que procurámos formar idéa perfeita, quando estudámos os seus diversos effeitos.

No tratado de electricidade de Harris [1] ha um capitulo que se refere aos peixes electricos, acompanhado da narração textual de Humboldt, sobre a pesca, ou antes, caçada americana de uma especie d'estes peixes.

Esta descripção, assumpto da nossa gravura, é a que em seguida traduzimos.

«Muitos peixes, diz Harris, como a tremelga, o bagre, e o siluro, gozam da singular propriedade de produzir espontaneamente descargas electricas mais ou menos violentas. [2] Estes peixes são ainda mais extraordinarios por terem a pelle privada de escamas.

«A tremelga habita as costas da Vendéa, da Provença, e tambem as do mar Adriatico; tem a mesma figura da arraia, e é n'ella que repentinamente se descobre tão curiosa propriedade. Quando a estimulam, agitando-se quer na agua, quer no ar, lança repetidas descargas electricas. Na agua, a tremelga alcança, pelas descargas, os peixinhos de que se alimenta. Matteucci conseguiu tornar visisivel a faisca produzida por uma d'estas descargas, collocando chapas metallicas nas costas e ventre do animal.

«A faculdade de produzir a electricidade parece

[1] *Leçons élementaires d'électricité*, ou *Exposition concise des principes généraux de électricité et de ses applications*, por W. Snow Harris, da sociedade real de Londres, etc.

[2] Muito antes de Geoffroy Saint-Hilaire, Humboldt, Harris, e outros naturalistas modernos, tinha o nosso padre Vieira notado a electricidade dos peixes, sem comtudo a definir, porque n'esse tempo estava ainda a sciencia muito ennevoada.

Ouçamos o que elle diz a respeito de um dos peixes de que estamos tratando.

«Admiravel é egualmente a qualidade d'aquell'outro peixinho, a que os latinos chamaram torpedo (e os portuguezes tremelga). Este peixe conhecemos nós cá mais de fama que de vista; mas isto tem as virtudes grandes, que quanto são maiores, mais se escondem. Está o pescador com a canna na mão, o anzol no fundo, e a boia sobre a agua; e em lhe picando na isca o torpedo, começa-lhe a tremer o braço. Póde haver maior, mais breve, e mais admiravel effeito?

De maneira que n'um momento passa a virtude do peixinho, da bocca ao anzol, do anzol á linha, da linha á canna, e da canna ao braço do pescador.»

residir n'um orgão formado de pequenos tubos, divididos por diaphragmas, cheios de mucosidades, e animados por grossos tecidos nervosos.

«O bagre [3], especie de enguia, é dos peixes electricos o mais curioso. Tem o corpo alongado como o da enguia; chamam-lhe tambem às vezes, enguia de Surinam; a pelle é lisa e viscosa, nem sempre alcança o comprimento de dois metros, e ha muitos nos rios e mares da America meridional.

«Mr. de Humboldt refere assim uma pesca curiosa d'este peixe:

«Partimos a 9 de Março, de manhã, para a pequena villa de Rastro de Baixo. D'ahi os indios nos conduziram a um rio que, no tempo das sêccas, fórma uma bacia de agua lodosa cercada de boas arvores, de clusias, amyrideas, e mimosas, com flores odoriferas. A pesca dos bagres com redes é difficilima, por causa da extrema agilidade d'estes peixes, que se afundam no lodo, como serpentes. Não querem empregar o barbasco, isto é, certas hervas que embriagam ou entorpecem os peixes, porque os enfraquece. Os indios disseram-nos que iam pescar com cavallos. Tivemos difficuldade em formar uma idéa d'esta pesca extraordinaria; mas, dentro em pouco, vimos os nossos guias voltar da floresta, onde tinham ido fazer uma apanha de cavallos e machos indomitos.

«O ruido extraordinario do tropel dos cavallos faz saír os peixes do lodo, e os excita ao combate. Estas enguias mosqueadas, similhantes ás serpentes aquaticas, nadam á superficie da agua, e se enroscam debaixo do ventre dos cavallos e dos machos. Uma lucta entre animaes de organisação tão diversa, offerece o mais singular espectaculo que se póde ver.

«Os indios, munidos de barpéos e cannas compridas, cercam estreitamente o pantano; alguns trepam ás arvores, nos ramos das quaes se estendem horisontalmente sobre a superficie da agua. Pelos gritos selvagens e comprimento das cannas, conseguem que os cavallos não fujam do lagamar. As enguias, aturdidas com o estrepito, defendem-se pelas repetidas descargas das suas baterias electricas.

Pesca dos peixes electricos

«Por largo espaço parece alcançarem ellas a victoria. Muitos cavallos succumbem á violencia dos golpes invisiveis que recebem, de todos os lados, nos orgãos mais essenciaes da vida; uns, atordoados pela força e frequencia das commoções, desapparecem na agua; os outros, arquejantes, a crina hirsuta, os olhos espantados e exprimindo a agonia, sobrenadam, e procuram fugir da tempestade que os accommette. Os indios então impellem-n'os para o meio da agua. Alguns, porém, illudem a activa vigilancia dos pescadores, e vêmol-os ganhar a margem, tropeçar a cada passo, estender-se na areia com os membros adormecidos pelas commoções electricas que receberam.

«Em menos de cinco minutos, tinham-se afogado dois cavallos. O bagre, com os seus cinco pés de comprimento, enrosca-se contra o ventre dos cavallos, faz uma descarga em toda a extensão do seu apparelho electrico, ataca ao mesmo tempo o coração, as visceras e o plexo celiaco dos nervos abdominaes. É natural que o effeito que experimentam os cavallos seja mais energico, que o que o mesmo peixe produz sobre o homem, quando só lhe toca por uma das extremidades.

[3] É um peixe de 50 a 60 centimetros de comprimento, que differe n'isto da tremelga, pois que n'esta o apparelho electrisante estende-se unicamente aos dois lados da cabeça, e tambem differe do siluro ou gymnota, cujo apparelho se limita aos lados da cauda.

«Pensavamos que a pesca terminasse pela morte successiva dos animaes que n'ella se empregam, mas pouco a pouco diminue a impetuosidade do combate. As enguias, cançadas, dispersam-se; carecem de longo descanço, e de alimento para reparar o que perderam de força galvanica; os machos e os cavallos mostram-se menos assustados, não eriçam a crina, nem os olhos exprimem tamanho espanto; as enguias aproximam-se então timidamente das margens do pantano, onde as agarram por meio de harpéos presos a extensas cordas. Quando as cordas estão bem sêccas, os indios, levantando o peixe no ar, não sentem commoção alguma. Em poucos minutos tivemos cinco grandes enguias, a maior parte das quaes estavam só levemente feridas.

«A temperatura das aguas em que vivem habitualmente estas enguias, é de 26 a 27 graus. Affirma-se que a sua força electrica diminue nas aguas mais frias; e é notavel, como já observou um celebre physico, que, em geral, os animaes dotados de orgãos electromotores, cujos effeitos se façam sensiveis ao homem, não se encontram no ar, mas n'um fluido conductor de electricidade. O bagre é o maior dos peixes electricos; medi alguns que tinham cinco pés e tres pollegadas de comprimento. Os indios asseguram que os tem visto ainda maiores. Achámos que um peixe com tres pés e dez pollegadas de comprido, pesava doze arrateis. O diametro transversal do corpo era, sem contar com a barbatana, que se prolonga em fórma crinada, de tres pollegadas.

Os bagres do *Cano de Bera* são de um lindo verde azeitonado; por baixo da cabeça, amarellos e vermelhos; tem duas fileiras de manchinhas amarellas, symetricamente dispostas ao longo das costas, desde a cabeça até á ponta da cauda. Cada mancha encerra um vaso excretorio; a pelle tambem está constantemente coberta de materia mucosa, que, como Volta provou, conduz a electricidade vinte ou trinta vezes melhor do que a agua pura. É, em geral, notavel, que nenhum dos peixes electricos descobertos até hoje, nas differentes partes do mundo, seja coberto de escamas.»

---

## MARROCOS

### VIAGEM E CAPTIVEIRO DE UMA DAMA PORTUGUEZA, N'ESTE IMPERIO, EM TEMPO DEL-REI D. JOAO V

(Vid. pag. 26)

Embarquei-me com muito gosto, e chegando ao golfo de Leão nos sobreveiu tão terrivel tempestade, que quasi nos vimos perdidos; porém, como Deus nas maiores tempestades acode com a felicidade da bonança, serenada a tormenta fomos a Sardenha, onde estive seis dias na cidade de Cagliari; e tornando a embarcar corseámos toda a costa, e d'ahi passámos a Messina, tocámos em Napoles, e d'alli fomos corsear na costa de Sicilia, sem podermos em todos aquelles tempos encontrar presa alguma. Aqui tivemos noticias, que no golfo de Lepanto andava uma galera de Liparotes, que trazem bandeira obscura, e por armas uma caveira, os quaes não dão quartel a ninguem, e buscando-a a encontrámos no dito golfo, com a qual combatemos perto de oito horas; e vendo-se de todo destruida, se entregou, sem lhe ficar vivos mais que dez homens. A nossa gente ficou mui mal tratada, mataram-nos dezoito homens, e muitos feridos, entre elles meu marido, com uma ferida perigosa em um hombro, e eu tambem com uma em um braço, por andar no conflicto dando frascos de polvora aos companheiros.

Acabada a contenda, fomos com a presa a Malhorca, e d'ahi a Barcelona, sem ficar a nossa fragata capaz; e como, por essa causa, já com ella não podessemos navegar, a instancias minhas resolvemos vir para o reino de Portugal, para cujo effeito fomos fallar a Carlos III, para que nos concedesse licença, a qual nos concedeu mandando-nos dar para os custos mil e quinhentas patacas. Logo nos embarcámos em um navio inglez, que se ajuntou com um comboi de oitenta navios, que de Porto Mahon para Ponente navegavam, viagem em que quasi sempre corremos tormenta. Uma noite, defronte de Almeria, como o vento era muito, abalroou comnosco uma nau de guerra da nossa conserva, levando-nos todo o esporão de proa; e foi evidente milagre de Deus não ficarmos submergidos, pois, com a pancada que deu, nos foi preciso trabalhar continuamente com duas bombas para esgotar a agua, e na mesma noite, outra nau de guerra deitou a pique um paquete com outro encontro que tiveram.

Passámos todo o estreito com muito trabalho, por serem os ventos notavelmente furiosos, e nós vendo que a nossa nau cada vez fazia mais agua, por cujo motivo não podia esperar os vagares do comboi, nos adiantámos para ver se podiamos chegar mais depressa á cidade de Lisboa. Mas carregando o tempo, corremos tres dias, no fim dos quaes, estando defronte de Cascaes, nos avistou uma nau de guerra que vinha por capitania do comboi, e vendo que nos adiantavamos, ignorando o motivo, nos principiou a atirar para que não entrassemos primeiro.

Fugindo d'ella, nos vimos quasi perdidos nos cachopos, e se não fosse a torre do Bugio, a que nos amparámos, sem duvida nos deitaria a pique. Ahi estivemos, até que entrando todo o comboi, encorporados com elle, chegámos a Belem, onde desembarcámos, dando muitas graças á divina Magestade de nos ter livrado de tão evidentes perigos; e sabendo minha familia da nossa vinda, nos vieram logo buscar com muito applauso.

Fomos para Setubal, e d'ahi passámos a Alcacer, onde estivemos quatro annos e meio; e n'ella tive os meus dois filhos, com algum descanço dos passados infortunios. Porém, como a minha sorte ainda não estava satisfeita com as antecedentes infelicidades, querendo que experimentasse outras de maior detrimento, succedeu que indo meu marido para Lisboa a certo negocio, por umas razões que tivera, lhe foi necessario deixar o reino, e ir para o de Hespanha, para o que me veiu buscar, dizendo fosse com elle para o dito reino, e que se não, indo-se elle, nunca mais o havia de ver, o que por mim ouvido com toda a resolução, empenhando pela minha vida uma capella que tinha, indo com meus dois filhos para Belem, onde estava preparada para a dita jornada uma settia valenciana, saimos pela barra á quarta feira de manhã, com grande sentimento de minha mãe e irmãos, pois, todos admirados da minha sorte, não sabiam o que dissessem.

Iriamos longe da barra de Lisboa quatro ou cinco legoas para levante de Nossa Senhora do Cabo, quando se formou uma tão rigorosa tormenta, que correndo em arvore sêcca, sem poder suster o rigor da tempestade, foi preciso alijar ao mar a maior parte da carga, desarvorando juntamente o pau maior, a qual tempestade nos levou até á costa de Berberia, e o primeiro porto que vimos foi Safim, onde, desejando amparar as vidas, pedimos, com uma peça, piloto aos mouros, e tão atroz era a tormenta, que não lhes deu logar de nos poderem vir buscar.

Corremos toda a noite já sem esperanças de vida; no outro dia, seriam dez horas, avistámos Santa Cruz, e de tão longe que apenas se podia ver. Pro-

seguimos a nossa derrota o restante do dia e noite até pela manhã, em cujo tempo nos vimos muito perto de Salé, e dando um tiro de peça da nossa settia, nos correspondeu lançando bandeira branca em uma torre, signal que não soubemos o que queria dizer; mas como nos vimos tão afflictos, deitámos a lancha ao mar, a qual contra a mesma settia se abriu com as vehementes ondas, e sem podermos dar-lhe remedio, se foi ao fundo, querendo Deus que um dos marinheiros, que dentro estava, pegando-se ao cabo, ficasse n'elle pendente, até que o poderam meter dentro, e vendo que a tempestade com mais furia nos ia fazendo naufragar, fizemos toda a diligencia, com uma pequena vela da mezena, que no traquete puzemos, de correr com o tempo, até que Deus fosse servido. Sem poder já, fomos dar á costa no domingo de tarde, entre El-Araxe e Mamora, em um sitio da costa onde pouco distante tem os mouros uma mesquita que chamam Sydi Safim. Foi Deus Nosso Senhor servido pela sua alta providencia, que vasando o mar, ficasse em breve tempo a settia em sêcco sobre umas penhas, sem embargo de estar toda aberta com as pancadas. Querendo saltar em terra, foi preciso, para me poderem levar, atar-me sobre um alçapão da escotilha, e os meus filhos atados ás costas dos marinheiros, por haver bastante districto de mar entre a terra e as penhas, onde estava estribada a settia.

Pozeram-me em terra, onde me achei com os meus dois filhos, a menina de quatro annos, por nome D. Anna de Vasconcellos, e o menino, de dois annos, chamado Manuel Julião de Vasconcellos.

N'esta costa estivemos dia e meio sem ver pessoa alguma, e juntamente sem saber onde estavamos, pois os marinheiros totalmente não conheciam aquelle sitio, antes parecia ser terra de gentios.

N'este tempo, subindo a um alto monte que estava perto da costa, nos vimos cercados de muita quantidade de barbaros, todos muito mal enroupados, que foi o maior signal que tivemos para os considerar gentios. Achava-se entre elles um velho, que mostrava entre todos ter alguma distincção, tanto no trajo como no respeito que todos lhe mostravam. Julgámos ser rei d'aquella gente, pelo que, prostrando-me aos seus pés com muitas lagrimas, abraçada com meus filhos, pedia pela Virgem Santissima tivesse de nós compaixão, ao que respondeu no seu idioma, para nós totalmente desconhecido, apontando para o ceo, e com outras acções nos dava a entender não tivessemos temor algum. Crescendo a quantidade dos barbaros de todos os circunvisinhos logares, com muitos gritos nos levaram a Mamora, que ficava distante meio dia de caminho, onde estava o governador de todos aquelles alarves, ao qual chamavam Alcaide-Alarbi.

(Continúa)

D. FILIPPA DE VASCONCELLOS

---

## ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

O correcto e euphonico emprego das preposições na lingua portugueza, é o ponto em que mórmente hesitam os grammaticos sisudos.

A maioria dos classicos da lingua, n'este particular, não são texto desenganado, porque não havendo ainda principios assentados de grammatica philosophica, muitas vezes cáem em absurdos e contradicções que ninguem é obrigado a approvar, e muito menos a seguir.

É mister, pois, sujeitarmol-os á analyse, á critica da boa razão, e regularmo-nos pelas regras de analogia, e tambem pela suprema lei grammatical, a clareza, para a qual nenhuma outra parte da oração concorre mais que a preposição, principal instrumento da syntaxe de regencia.

Posto isto, iremos apontando as locuções que mais geralmente andam viciadas, pela introducção de preposições, que são evidentes solecismos.

«A fallar *a* verdade, eu enganei-me.»

«Mas, fallando *a* verdade, elle tem razão.»

Em qualquer d'estes modos de dizer, assás vulgares, ha solecismo, porque tem um elemento superfluo, ou incongruente. Se o *a* se tomar como artigo [1], é inquestionavelmente superfluo; se se toma como preposição, varia então o significado da oração, porque inculca que quem falla é *a* verdade, e não que o sujeito da oração falle verdade, ou verdadeiramente.

Venhamos aos exemplos, que são os tirateimas.

Diz o padre Franco, fallando de uma das comedias que os jesuitas costumavam fazer representar aos noviços:

«Depois entrou a fallar a verdade.» Isto é uma figura que representava a verdade fallando.

Portanto para evitar equivocos, e emendar o erro, devem-se corrigir as phrases que acima apontámos, por este modo:

A fallar verdade, enganei-me.

Mas, fallando verdade, elle tem razão.

Nos melhores classicos havemos achado invariavel este modo de dizer, e para os obstinados aqui poremos alguns exemplos.

«Quem trabalha, como cuida no que faz, falla verdade, porque diz as coisas como são.» *Vieira*, Serm. 4. 21.

«Só tinheis isto de mau, hei vos de fallar verdade. *Francisco de Moraes*, Dialogos no fim do *Palmeirim de Inglaterra*.

Nos proverbios, que todavia não são exemplares de grammatica, porque tem muitas corruptelas do povo, e muita particula superflua para fazer melhor sonido, n'esses mesmo achâmos auctoridade para o nosso caso. Dizem assim:

Ao medico, ao advogado, e ao abbade, fallar verdade.

Quem me não crê, verdade me não diz.

O amigo que falla verdade, é espelho são.

---

## A VIBORA

(NOVOS REMEDIOS CONTRA A MORDEDURA)

De todas as especies de cobras que vivem na Europa, a unica verdadeiramente perigosa é a vibora (*Vipera berus*, Daudin, *Coluber berus*, Linneu).

Na provincia d'Entre Douro e Minho, e n'alguns logares da Beira, em geral nos prados lenteiros, nos juncaes pantanosos, etc., se encontram viboras de pequenas dimensões, e de côr esverdinhada.

Este ophidiano é do comprimento de 30 a 60 centimetros; a côr, geralmente parda, muda, n'algumas variedades, para o cinzento escuro, ruivo quasi avermelhado, ou negro. Tem nas costas duas series de manchas escuras, ou duas linhas longitudinaes em fórma de zigue-zague, acompanhadas de uma fileira de manchas negras de cada lado. Quasi todo o corpo está revestido de escamas, e as da cabeça são granuladas. O feitio da cabeça é quasi triangular, mais largo do que o corpo, e susceptivel de se dila-

[1] Alguns grammatistas assim lhe chamam. A seu tempo lhes assentaremos á espada.

tar ainda mais, achatando-se quando o reptil se enraivece; na parte mais larga tem duas grandes manchas cinzentas; e outra mancha similhante no meio da nuca. Todas estas circunstancias distinguem as serpentes venenosas das innocentes.

A lingua, que erradamente se considera envenenadora, é extensivel e fendida. A peçonha só existe no queixo superior, que tem dois dentes, mui differentes dos outros, compridos, curvos e ôcos, nos quaes o veneno se deposita por uma glandula da proximidade do ôlho. «O licor segregado por esta glandula, diz Cuvier, e derramado na ferida pelo dente, leva a ruina ao corpo dos outros animaes. O dente encobre-se n'uma ruga da gengive, quando a serpente não quer servir-se d'elle, e, no caso de quebrar-se, tem outros germens destinados a substituil-o.»

Quando a vibora faz uso de armas tão damnadas, endireita-as, enterra-as no corpo do animal que deseja morder, e assim produz na vesicula venenosa uma compressão que derrama a peçonha no canal e a introduz na ferida.

O olho da vibora é vivissimo, e parece annunciar a sua crueldade. É de natural timido; por isso só ataca os animaes, e rara vez o homem. Consiste o alimento da vibora em insectos, rãs, sapos, passarinhos, etc. A guela dilata-se por tal fórma, que póde engulir animaes quatro vezes mais grossos que ella; digere lentamente, e suppõe-se que passa o inverno sem comer.

A vibora commum encontra-se em diversas regiões da Europa meridional, e n'algumas da Africa. É ovivipera.

A mordedura da vibora não tem a mesma acção em todos os animaes; muda segundo as circunstancias. É mais perigosa nos animaes de sangue quente. Em geral, a quantidade de veneno necessaria para matar um animal, está na razão directa da sua força e corpulencia; um centesimo de grão basta para matar um pardal; um pombo exige quantidade seis vezes maior. Ao homem só tres grãos o matariam. Ora, como em geral a vibora contém dois grãos, e, para derramar esta quantidade de veneno, ha de fazer algumas mordeduras, segue-se que o homem de compleição ordinaria, não succumbirá com duas mordeduras de vibora, não obstante experimentar agudos padecimentos, e grandes impressões de terror.

A vibora

Os accidentes produzidos variam muito; geralmente a circulação afrouxa, o sangue perde a faculdade de coagular-se, e a gangrena invade o sitio da mordedura. O enfermo sente dor na parte ferida, que se intumece e toma a côr do vermelho-achumbado; sendo mordido n'uma das extremidades, a inchação declara-se em todo o membro. Ao mesmo tempo, sente geral fraqueza, acompanhada de esvaimentos, náuseas e vomitos; algumas vezes, syncopes, delirio, ou convulsões; estes accidentes, então, podem occasionar a morte. Os casos fataes, porém, são rarissimos.

O tratamento da mordedura da vibora deve ser prompto. Alguns auctores dizem que o melhor é lavar a ferida, fazel-a sangrar, e depois cauterisal-a, já com preparação antimonial, ou pedra infernal, já com qualquer outro caustico que de repente se encontre. O ammoniaco, ou alcali volatil, é excellente para o fim, e produz bom effeito, mesmo applicado algum tempo depois do accidente. A applicação de uma ventosa é util, porque chama o veneno ao exterior, e impede que se introduza na torrente circulatoria. Será bom comprimir as veias por meio de ligadura, acima do sitio picado, a fim de afrouxar a absorpção da peçonha, e depois dilatar um pouco a ferida com instrumento cortante. O tratamento exterior e local deve ser assim, dando fé aos auctores que consultámos.

Tambem é efficaz o chlorureto de cal, diluido, para uma pressa, com a propria saliva, e posto logo sobre a ferida.

Para os cães mordidos é bom untar immediatamente a picada da vibora com unto de porco sem sal.

Interiormente, a applicação dos medicamentos, taes como borragem, flor de sabugo, etc., para provocar as transpirações copiosas, é de bom resultado. Tem-se obtido egualmente excellentes effeitos do sulphato de quinino dado em dóse de tres ou quatro grãos n'uma colhér de vinho, de hora a hora.

Em Portugal não ha outro animal venenoso, além da vibora. Bom é que os mestres digam isto ás crianças, para lhes tirar os temores que a gente credula lhes infunde.

---

Nada ha tão innocente, que os homens não adulterem; nenhuma arte tão saudavel cujas doutrinas não sejam elles capazes de perverter; nada, em fim, tão bom de sua natureza que elles não possam applicar a mau uso. *Capitão Manoel de Sousa*

---

*Explicação do enigma do numero antecedente*

De hora em hora Deus melhora

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.